



## HISTÓRIA EM QUADRINHOS: UM GÊNERO MARCADO PELA MULTIMODALIDADE

Kézia Barbosa de Queiroz  
Maria de Fátima de Sousa Aquino

Universidade Estadual da Paraíba  
keziabqueiroz@gmail.com  
fatimaaquinouepb@yahoo.com.br

**Resumo:** O presente artigo apresenta as Histórias em Quadrinhos (HQs) como um gênero textual marcado pela multimodalidade, ou seja, estruturado a partir da presença de vários recursos semióticos que dialogam para a construção de sentidos. Aliado a isso, discorremos sobre as contribuições da utilização desse gênero na sala de aula, tendo em vista sua função social e sua capacidade de ensinar, encantar, conquistar e transmitir saberes a um público leitor variado. Como pressupostos teóricos, utilizamos os estudos de Vergueiro e Rama (2016), Cirne (2000), Mendonça (2010) e Dionísio e Vasconcelos (2013). Buscou-se, dessa forma, apresentar o gênero HQ como um recurso que pode ser utilizado em sala de aula pelos professores, de forma discursiva e interativa, contribuindo significativamente para o desenvolvimento das habilidades relacionadas à leitura, interpretação e produção textual, tendo em vista o fácil acesso, a dinamicidade da leitura e o potencial de encantamento exercido sobre o leitor.

Palavras-chave: Gênero textual, Multimodalidade, Histórias em Quadrinhos.

### Introdução

O presente estudo objetiva apresentar as Histórias em Quadrinhos (HQs) como um gênero portador de uma função social bem definida e complexa, que agrada leitores de todas as idades e classes sociais. Assim, discorremos sobre a sua história, tendo em vista que as HQs já foram consideradas um subgênero em nossa sociedade, demonstramos como uma de suas características a multimodalidade, uma vez que em sua composição há a presença de vários recursos semióticos que dialogam para a construção de sentido e analisamos as contribuições das História em Quadrinhos na sala de aula.

Por possuírem um potencial admirável no encantamento de leitores, acreditamos que, quando trabalhadas de forma discursiva e interativa, através de práticas pedagógicas que levem em consideração a função social, a intertextualidade, o diálogo que as HQs estabelecem com outras áreas do conhecimento, além de outras possibilidades de uso em sala de aula, as HQs podem contribuir significativamente no desenvolvimento das habilidades relacionadas à leitura, interpretação, análise e produção textual, além de oportunizarem a construção e



reconstrução de saberes estabelecendo, assim, uma aprendizagem significativa.

Este estudo está dividido em três partes. Na primeira, discorremos sobre a multimodalidade nas HQs, momento em que, apresentaremos esse gênero com uma construção social formada por vários recursos semióticos, os quais colaboram para a formação de leitores iniciantes e encantamento de leitores mais experientes. Em seguida, apresentamos a história das Histórias em Quadrinhos mostrando sua origem, avanços e dificuldades em nossa sociedade. Na sequência, discorremos como as HQs possibilitam, além de leituras interessantes para os alunos, oportunidades e estratégias diversificadas de ensino e de aprendizagem.

## 1. A multimodalidade em favor das Histórias em Quadrinhos

A multimodalidade tem marcado os textos da atualidade. A sociedade convive cada vez mais com textos e ambientes marcados pela presença de palavras, imagens, sons, cores, músicas, aromas, texturas, enfim, por uma variada mescla de recursos semióticos. Grande parte dos textos da atual conjuntura não são formados apenas pelo registro escrito, mas são estruturados combinando elementos que convidam e desafiam o leitor à decifrá-los, compreendê-los.

Deste modo, estamos vivendo numa sociedade semiotizada, em que as práticas de letramento ultrapassam a decifração do sistema linguístico e exigem a ampliação da capacidade de leitura, compreensão e processamento das informações. Com os avanços pelos quais a sociedade tem passado, nossa rotina foi alterada e nossas práticas de leitura, interpretação e produção tornaram-se mais complexas. Hoje, vivemos na época dos multiletramentos, momento em que a sociedade é desafiada a repensar seus hábitos e valores e convidada a compreender o fenômeno da multimodalidade.

Nesse contexto, a escola, enquanto instituição social responsável pelo ensino, é convocada a rever suas concepções e suas práticas, tendo em vista as novas demandas exigidas do cidadão ao participar das práticas sociais. De acordo com Rojo (2009, p. 107-108),

um dos objetivos principais da escola é justamente possibilitar que seus alunos possam participar das **várias** práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, **de maneira ética, crítica e democrática**. Para fazê-lo, é preciso que a educação linguística leve em conta hoje, de maneira ética e democrática: os **multiletramentos** ou **letramentos múltiplos**, os **letramentos multissemióticos** e os **letramentos críticos e protagonistas**” (grifo da autora).



Deste modo, se a sociedade exige do cidadão um nível mais complexo de leitura, o trabalho a ser desenvolvido pelos professores será o de fornecer aos alunos estratégias e subsídios para que possam ampliar suas habilidades e competências relacionadas à leitura e à escrita, tendo em vista a sua utilização nos diferentes momentos de interação.

Neste aspecto, percebemos que se os textos da atualidade exigem um nível de leitura mais sofisticado do leitor, estes precisam estar presentes na sala de aula, de modo que desafiem os alunos a um diálogo produtivo e interativo com o próprio texto. Nesse contexto, os textos multimodais, quando bem utilizados, oportunizam o desenvolvimento de um processo interativo com o texto e a construção de sentido a partir do desenvolvimento de inferências.

A leitura de um texto com uso de vários recursos semióticos precisa ser bem trabalhada com os alunos, pois embora aparente ser uma leitura fácil, ao leitor demanda a posse de conhecimentos prévios atrelados ao contexto do texto, além da organização adequada das informações a respeito do conteúdo transmitido, tendo em vista que a falta de conhecimento ou de atenção aos recursos utilizados pode levar a interpretações incompletas ou inadequadas.

Os textos multimodais ou multissemióticos, por serem formados por inúmeros estímulos que atraem a atenção do leitor, possuem a capacidade de transmitir com facilidade os conteúdos para aqueles leitores que já estão acostumados com o seu tipo de linguagem, pelo fato desses recursos complementarem-se tornando a compreensão e o processamento da informação mais rápido. Conforme Dionísio e Vasconcelos (2013, p. 19), “trazer para o espaço escolar uma diversidade de gêneros textuais em que ocorra uma combinação de recursos semióticos significa, portanto, promover o desenvolvimento neuropsicológico de nossos aprendizes”.

Com isso, percebemos que a junção organizada e criativa de recursos semióticos torna mais fácil o desenvolvimento e a aprendizagem por serem atrativos e por fazerem parte do cotidiano dos nossos alunos.

No entanto, convém ressaltar que isso não significa que a utilização de qualquer texto multimodal em sala de aula está liberada, que todos os professores precisam trabalhar com esses textos ou que devem haver escolhas aleatórias. Em oposição a isso, é importante que, durante o planejamento e seleção dos textos, não haja uma sobrecarga de informações, nem redundância no oferecimento de recursos, haja vista que o excesso de estímulos ou a insistência numa abordagem não fomenta desafios para a aprendizagem, nem possibilita o alcance dos objetivos pretendidos.



Ao desenvolver um trabalho que pretende utilizar as variadas possibilidades de leitura de um texto multimodal, o professor deverá selecionar o material adequado ao trabalho que pretende desenvolver, adequando-o ao interesse da turma, ao nível de desenvolvimento dos alunos e alinhando aos objetivos que almeja alcançar. Deste modo, é necessário planejamento, pesquisa, elaboração e reelaboração de estratégias que oportunizem e garantam a aprendizagem dos alunos.

Para Dionísio (2006, p. 141), as “imagens ajudam a aprendizagem, quer seja como recurso para prender a atenção dos alunos, quer seja como portador de informação complementar ao texto verbal”. Nesse contexto, enquanto gênero marcado pela presença da multimodalidade e que tem sido estudados pelas intensas contribuições no ensino, as HQs precisam fazer parte do planejamento do professor, uma vez que colaboram para o desenvolvimento dos leitores iniciantes, atraem adolescentes e encantam jovens que procuram, nos quadrinhos, histórias que retratem o seu modo de pensar e agir socialmente.

Dessa forma, a utilização de HQs, certamente, contribuirá para a formação mais ampla de alunos leitores no contexto escolar. De acordo com Mendonça (2010), o uso das HQs, também consideradas textos multimodais, em sala de aula, é fundamental atualmente, haja vista que imagem e palavra cada vez mais são associadas na construção de sentidos nos diversos contextos comunicativos. Nelas, a junção de cores, balões, ilustrações, o formato das letras, bem como expressões fisionômicas dos personagens colaboram para a produção de efeitos de sentidos que nos permitem, enquanto professores, explorar estratégias eficientes para estabelecer interações entre os alunos e as várias linguagens abordadas, fazer inferências junto com a turma, percebendo o não-dito, relacionar o texto ao contexto, além de explorar os recursos semióticos como estratégias textuais-discursivas.

Partindo do pressuposto de que as HQs podem contribuir significativamente no aprimoramento, tanto da leitura como da escrita, uma vez que, em sala de aula, há a possibilidade de professores trabalharem com este gênero explorando os textos com vista ao desenvolvimento dessas habilidades, no tópico a seguir, discorreremos resumidamente sobre a história das HQs, instante em que descrevemos aspectos históricos relacionados à evolução desse gênero.

## **2. A História das Histórias em Quadrinhos**

O surgimento das histórias em quadrinhos gera diversas discussões. Alguns estudiosos sobre o gênero, como Vergueiro (2016), afirmam que as HQs têm suas origens nas pinturas rupestres das cavernas, quando os homens representavam, mediante uma sequência de desenhos, as suas caçadas e lutas pela sobrevivência. Outros indicam que as HQs surgiram entre o final do século XIX e início do XX, quando a igreja se utilizava da arte de contar histórias em uma sequência de quadros nos vitrais, mosaicos e tapeçarias. No entanto, o termo Histórias em Quadrinhos só foi utilizado no século XX, quando esse texto passou a ser composto por balões e falas dos personagens.

Conforme Santos (2016), no Brasil, “As aventuras de Nhô Quin”, que contavam as aventuras de um homem simples do interior, publicada em 1869 pelo jornal Vida Fluminense do Rio de Janeiro, corresponde à primeira HQ que se tem registro. Em seguida, foram lançadas as HQs “Tico Tico”. Nessa época, com a chegada dos quadrinhos americanos, os produzidos no Brasil sofreram forte concorrência. No final dos anos 30, surgiram os gibis. Com o advento da ditadura, as HQs sofreram certa repressão, apesar de, no Brasil, já existirem mais de 30 revistas do gênero.

As HQs mais vendidas, no mundo, são as dos super-heróis, entre eles: Superman criado em 1938, Batman (1939), The Flash (1940) e Aquaman (1941). Também fazem sucesso os quadrinhos do Capitão América (1941) e Tin Tin (1929). Atualmente, no Brasil, entre as mais conhecidas estão as dos personagens Tio Patinhas, Pato Donald, Pateta, Mafalda e Calvin, além dos famosos personagens criados por Maurício de Sousa com a Turma da Mônica: Cebolinha (1960), Cascão (1961), Chico Bento (1961), Magali (1963) e a própria Mônica (1963), e de Ziraldo com a Turma do Pererê e o Menino Maluquinho.

As histórias em quadrinhos são classificadas, geralmente, no tipo narrativo, por apresentarem esse tipo de sequência na maioria de seus textos. Trata-se também de um gênero que apresenta traços da oralidade, tentando representá-la nas falas de seus personagens, no entanto, realiza-se na escrita, sendo facilmente identificável pela apresentação em quadros, com desenhos característicos de seus autores e personagens que falam através de balões.

Na definição de Cirne (2000, p. 23) as HQs “são uma narrativa gráfico-visual, impulsionada por sucessivos cortes, cortes estes que agenciam imagens rabiscadas, desenhadas e/ou pintadas”. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Mendonça (2010, p. 215) afirma que,

podemos caracterizar provisoriamente a HQ como um gênero icônico ou icônico-verbal narrativo, cuja progressão temporal se organiza quadro a quadro. Como

elementos típicos, a HQ apresenta os desenhos, os quadros e os balões e/ou legendas, onde é inserido o texto verbal.

Atualmente, entram no grupo das HQs: as tirinhas, as charges, os cartuns, os gibis e os mangás. De acordo com Mendonça (2010), as tirinhas, na maioria das vezes, são histórias mais curtas com até 4 quadrinhos, trazendo conteúdos diversos, desde assuntos infantis a sátiras sobre a economia e política do país. As charges, comumente, apresentam-se em um único quadro, trazendo críticas e/ou sátiras sobre determinado assunto. Geralmente, é preciso entender o contexto para se construir o sentido da charge, pois sua marca principal é abordar algum tema que recentemente foi noticiado.

A autora afirma que os cartuns expressam ideias e opiniões sobre política, esporte, religião, comportamentos sociais e outros. Enquanto a charge precisa do contexto, o cartum é atemporal. Os mangás correspondem às revistas inspiradas nos quadrinhos japoneses, com pouco texto e muita ação, geralmente são encontrados em preto e branco com personagens apresentando traços bem demarcados.

As HQs podem ser encontradas em gibis, almanaques, jornais, revistas, coletâneas e na internet. Nos jornais e revistas predominam as charges, os cartuns e as tirinhas, aspecto que enquadra estes gêneros no domínio discursivo jornalístico. Nos gibis e nas coletâneas, são encontradas, na maioria das vezes, HQs de apenas um personagem, enquanto, nos almanaques, há a junção de várias histórias e de vários personagens de acordo com seus autores/criadores.

Os personagens e os conteúdos, abordados nas HQs, geralmente são escolhidos de acordo com o público leitor. Desse modo, as grandes revistas sempre procuram publicar, em suas edições, HQs que correspondam às expectativas de seus leitores, assim observamos que as revistas *Recreio*, *Picolé* e outras apresentavam HQs com conteúdos infantis, nas revistas *Capricho*, *Atrevida*, *Toda Teen* os conteúdos são direcionados para as garotas, e para as mulheres são encontradas HQs nas revistas *Claudia*, *Marie Clarie*, entre outras.

No tópico a seguir, discorreremos sobre a importância do uso das HQs em sala de aula, demonstrando que este gênero pode e precisa ser utilizado e explorado pelos professores de Língua Portuguesa e das demais disciplinas quando pretendem desenvolver um trabalho que fale diretamente ao imaginário dos alunos.

### **3. As Histórias em Quadrinhos em sala de aula**

As HQs envolvem comunicação e arte, inclusive sendo consideradas por alguns autores como a nona arte. Agradam leitores iniciantes e experientes pelo fato de divertirem, criticarem, ensinarem e discutirem todos os assuntos de forma lúdica, atrativa e criativa.

O fato das HQs serem textos atrativos e formados por inúmeros recursos semióticos, não significa dizer que sua leitura seja fácil. Para a construção de sentido, a partir da leitura de HQs, o leitor é, de certa forma, forçado a prestar atenção aos detalhes, uma vez que, sendo textos que circulam facilmente, atendendo às especificidades de vários públicos leitores, este gênero traz suas ideologias inseridas nas histórias, nos discursos e nas características de seus personagens.

Ao tratar sobre a provável facilidade de leitura que as HQs apresentam aos seus leitores, Mendonça (2010, p. 218) afirma que

essa relativa facilidade pode ser confundida com baixa qualidade textual, levando à falsa premissa de que ‘ler quadrinhos é muito fácil’. Encontramos tal crença, por exemplo, até em manuais destinados a orientar professores no uso pedagógico de textos de circulação social, inclusive as HQs. Diante dessa suposição, a escola se omitiria de explorar as potencialidades pedagógicas das HQs ou as subestimaria como objeto de leitura, aprofundando a discrepância entre o que a escola oferece e o que os alunos buscam.

Mendonça (2010, p. 218) acrescenta ainda que “determinadas HQs demandam estratégias de leitura sofisticadas, além de um alto grau de conhecimento prévio”. Deste modo, mais do que uma leitura superficial, a compreensão de uma HQ demanda do leitor esforço intelectual e percepção estética, uma vez que, para sua compreensão, há a necessidade de mobilização de algumas habilidades, dentre elas as interpretativo-visuais, observando a diversidade de efeitos, cores, gestos, apresentados durante a história, bem como as interpretativo-verbais, haja vista que o leitor deverá compreender os aspectos relacionados à gramática, ao enredo e à sintaxe.

As HQs já foram consideradas um subgênero que pertencia ao público infantil e, por isso, não poderiam estar presentes no contexto escolar pelo fato de conter um conteúdo muito fantasioso, pelo excesso de cores e falta de credibilidade junto ao contexto educacional. Esse gênero enfrentou forte resistência tanto no Brasil como em outros países, alegando-se que sua entrada na escola poderia atrapalhar o desenvolvimento das crianças, impedindo-as de lerem os clássicos da nossa literatura.

Com o passar do tempo, essa resistência vem sendo desfeita e as HQs estão ganhando espaço nas escolas e nos estudos acadêmicos sobre suas contribuições no processo

de aquisição e desenvolvimento da leitura. Segundo Aparício (2016, p. 38),

prova disso é o reconhecimento oficializado das HQs pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que propõe o trabalho com esse gênero na escola e, mais recentemente, o Programa Nacional da Biblioteca na Escola (PNBE), que incluiu as HQs entre as obras distribuídas nas escolas públicas de nosso país. Cabe destacar também a intensa utilização dos quadrinhos nos livros didáticos das diferentes disciplinas, principalmente a partir da década de 1990, quando se confirmaram as várias possibilidades de seu uso didático.

No entanto, observamos que, apesar de já ter ocorrido a inclusão das HQs na escola e no livro didático, ainda podem ser vistas práticas pedagógicas que tratam esse gênero como pretexto para o estudo de conteúdos gramaticais, ou reduzem as HQs apenas aos aspectos estruturais e composicionais do texto.

Entretanto, no trabalho com os diversos gêneros textuais, não apenas com a HQ, é necessário que ocorra a análise sobre a funcionalidade do gênero, os seus interlocutores, os discursos, suas intenções, os sentidos construídos, o suporte, as possibilidades de leituras, os valores agregados.

Além destes aspectos, no trabalho com a HQ, em sala de aula, ainda é importante estudar: a sua constituição, as formas de circulação, o público leitor, os subtipos (tiras, charges, cartuns, mangás), os tipos de balões (de conversa, grito, sonho, pesadelo, medo, pensamento), os tipos e tamanho de letras, as cores, as onomatopeias, a organização do texto no papel, os papéis sociais atribuídos aos personagens, ou seja, todos os recursos utilizados para a construção de sentido, além dos valores sociais apresentados e das ideologias que perpassam os textos.

No trabalho com as diversas disciplinas, as HQs podem ser utilizadas no início, durante e ao final dos estudos dos conteúdos. Debates e reflexões podem ser iniciados por meio de uma HQ, já que temas de várias áreas do conhecimento são abordados nesse gênero. Atividades e pesquisas envolvendo a busca e análise de tirinhas, charges ou cartuns que abordem o conteúdo estudado podem ser desenvolvidas com a turma.

Há também a possibilidade de quadrinização dos conteúdos estudados, ou seja, a transformação do conteúdo estudado em uma HQ, sendo necessária, nessa estratégia, a orientação adequada sobre a realização de cada etapa da atividade. Assim, o professor precisará adequar a atividade ao nível de desenvolvimento da turma, explorar o conteúdo para que os alunos compreendam a essência daquilo que precisa estar na HQ, orientar sobre a organização dos quadros com a seleção correta dos personagens, tipos de balões, cores e, ao final, avaliar o trabalho desenvolvido, observando se seus



objetivos foram alcançados e se a aprendizagem dos alunos foi significativa.

Uma outra alternativa de utilização das HQs, com o objetivo de conquistar o público infanto-juvenil, para a realização da leitura de clássicos da literatura, refere-se à quadrinização dos clássicos. Nesta alternativa de uso das HQs, ocorre a adaptação pelas editoras de obras de autores nacionais consagrados, através da linguagem ágil e versátil dos quadrinhos.

Livros como *A causa secreta*, *O alienista* e *A cartomante*, de Machado de Assis, *O homem que sabia javanês*, *O triste fim de Policarpo Quaresma* e *Um músico extraordinário*, de Lima Barreto, entre outras obras, já foram quadrinizados por algumas editoras brasileiras, com o objetivo de despertar o interesse desse público leitor, para a leitura de obras clássicas.

Enfim, as HQs apresentam uma riqueza de aspectos que podem ser estudados e analisados com alunos de todas as fases de escolarização, mostrando os múltiplos usos da linguagem, ampliando o repertório linguístico dos alunos, desenvolvendo a competência comunicativa e construindo saberes e conhecimentos necessários à participação social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste artigo, apresentamos um gênero com uma função social bem complexa, uma vez que, ao mesmo tempo, as HQs divertem, ensinam, transmitem valores e concepções, criticam assuntos sociais, além de possibilitarem entretenimento de públicos de todas as idades, classes e ideologias.

Deste modo, propomos uma discussão sobre a multimodalidade presente nos quadrinhos, reconhecendo este gênero como um artefato social que, quando bem utilizado pelo professor, através da exploração de suas múltiplas linguagens, oportuniza momentos de leitura, compreensão, produção textual e, conseqüentemente, construção de conhecimentos preparando os alunos para a participação social.

Deste modo, as HQs, por apresentarem um potencial reflexivo, artístico e pedagógico, oferecem uma variedade de formas e vantagens de utilização em sala de aula pelo professor, uma vez que além de corresponderem a uma opção de entretenimento para os alunos, trazem temáticas variadas para serem discutidas e correspondem a mais uma oportunidade interessante de aprendizagem.

## **REFERÊNCIAS**



APARÍCIO, A. S. M. História em quadrinhos na sala de aula: a perspectiva dos multiletramentos. **Revista Língua Portuguesa**: histórias em quadrinhos: de leitura popular a gênero textual rico em interpretações. São Paulo, edição 58, fev/mar de 2016.

BEZERRA, M. A. Ensino de Língua Portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010.

CIRNE, M. **Quadrinhos, sedução e paixão**. Petrópolis: Vozes, 2000.

DIONÍSIO, A. P. Multimodalidade Discursiva na Atividade Oral e Escrita. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. (orgs). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DIONÍSIO, A. P. VASCONCELOS, L. J. Modalidade, gênero textual e leitura. In BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (orgs). **Múltiplas linguagens para o ensino médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

KLEIMAN, A.. Processos identitários na formação profissional: o professor como agente de letramento. In: CORREA, M. L. G.; BOCH, F. (orgs). **Ensino de língua**: Representação e letramento. São Paulo: Mercado de Letras, 2006.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MENDONÇA, M. R. de S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, A. de C. A evolução dos quadrinhos. **Revista Língua Portuguesa**: histórias em quadrinhos: de leitura popular a gênero textual rico em interpretações. São Paulo, edição 58, fev/mar de 2016.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Orgs.) **Como usar as Histórias em Quadrinhos na sala de aula**. 3. ed., São Paulo: Contexto, 2016.